

**CHRIS H. HARDY, PH.D.**

# **AS GUERRAS DOS ANUNNAKI**

**AUTODESTRUIÇÃO NUCLEAR  
NA ANTIGA SUMÉRIA**



MADRAS®

# As Guerras — dos — Anunnaki

Autodestruição Nuclear na Antiga Suméria

# Índice

Prefácio: A Crescente Aceitação dos Antigos Astronautas, por Jim Marrs .....	9
Agradecimentos.....	17
Introdução.....	19
<b>1</b> Os Próprios Anunnaki Possuíam uma Religião?.....	30
<b>2</b> O Blecaute sobre a Natureza Humana de Deus.....	79
<b>3</b> Quem Era Realmente o Deus do Céu e da Terra? .....	104
<b>4</b> Enlil e a Maldição das Mulheres, da Humanidade e da Terra.....	125
<b>5</b> A Utilização de Armas Nucleares: o Relato Sumério.....	171
<b>6</b> A Destruição de Sodoma: o Texto do Livro .....	209
<b>7</b> Camadas no Texto do Gênesis .....	248
Conclusão .....	259
Bibliografia .....	261
Tábuas Mesopotâmicas .....	274
Apócrifo Judaico.....	275
Sobre a Autora .....	278
Índice Remissivo .....	279

# Prefácio

## A Crescente Aceitação dos Antigos Astronautas

Jim Marrs

Opiniões são como narizes. Cada um tem o seu.

Mas opiniões não são conhecimento. E conhecimento não é sabedoria, que apenas pode ser adquirida por meio de estudo extensivo, pesquisa e experiência do mundo real.

Assim, “eu não acredito nisso” não é um argumento válido, especialmente quando se trata do assunto da visitação extraterrestre na pré-história humana.

Chris H. Hardy, com seu doutorado em antropologia psicológica e pesquisa científica no campo da ciência da consciência, juntou-se a um número crescente de jornalistas, acadêmicos e cientistas de várias naturezas que, hoje, aceitam a ideia de antigos astronautas de forma bastante séria.

Essa lista em constante expansão inclui o geólogo Robert Schoch; o astrônomo Thomas van Flandern; o físico John E. Brandenburg; o historiador Richard Dolan; o historiador e filósofo da ciência Michael Cremo; os pesquisadores do antigo Egito Robert Bauval e John Anthony West; o teólogo Paul von Ward; o programador de computação Christopher Dunn; os acadêmicos Dr. Joseph P. Farrell, Dr. Joe Lewels e o Dr. Arthur David Horn; os jornalistas Graham Hancock e Linda Moulton Howe; o criptógrafo R. A. Boulay; os pesquisadores Alan F. Alford, David Childress, Neil Freer, Philip Coppens, Lloyd Pye, Michael Tellinger, Laurence Gardner e William Bramley;

e a celebridade de TV Giorgio Tsoukalos. O programa do canal de TV a cabo The History Channel, *Ancient Aliens*, que começou em 2009, teve grande sucesso popular e iniciou sua décima temporada em 2016.

Na verdade, o conceito de deuses antigos como visitantes extraterrestres não é novo. Um dos denominadores comuns de todos os povos remotos do mundo – os sumérios, os antigos egípcios, chineses e hindus; aborígenes australianos, astecas e incas; a tribo Dogon na África – é o voo. Conforme a história convencional, não havia máquinas voadoras mais pesadas que o ar até os irmãos Wright sobrevoarem Kitty Hawk, em 1903. No entanto, todos esses povos possuem lendas de visitantes que sobrevoaram os céus trazendo-lhes conhecimento.

Nos anos 1930, o escritor de fantasias H. P. Lovecraft produzia estranhos relatos de “Os Grandes Antigos”, que vieram do profundo espaço para a Terra no passado distante e agora encontram-se adormecidos nas profundezas dos oceanos aguardando sua oportunidade para reconquistar o domínio do mundo enquanto seus protegidos se misturam entre nós. Em 1960, o britânico editor de revista de aviação Brinsley Le Poer Trench publicou *The Sky People*, sugerindo que não apenas visitantes extraterrestres vieram à Terra em tempos pré-históricos, mas que ainda estão entre nós hoje.

Mas a popularidade do antigo tema astronauta teve seu grande estímulo com a publicação, em 1968, de *Eram os Deuses Astronautas?*, do autor e jornalista suíço Erich von Däniken. Embora barbaramente criticado na época pelos cientistas e teólogos convencionais, a tese de Von Däniken ganha continuamente validação das recentes descobertas em arqueologia e antropologia. Não foi tão fácil rejeitar Zecharia Sitchin, estudioso em Oriente Médio, cujo trabalho prolífico, incluindo os sete volumes da série *Crônicas da Terra*, proporcionou suporte persuasivo para uma antiga intervenção alienígena, baseado em sua tradução da antiga literatura suméria, que precede a Bíblia.

O autor de *best-sellers* do *New York Times*, Gregg Braden, notou que o método científico não apenas permite, mas *espera* que a informação recém-descoberta seja assimilada e, então, altere crenças existentes. No entanto, isso não acontece.

“Continuar a ensinar ciência que *não* é sustentada por novas descobertas – baseadas em métodos científicos aceitos – não é, de fato, científico. Mas isso é precisamente o que vemos acontecer em livros didáticos, salas de aula e na mídia tradicional de hoje”, lamentou Braden.

Um exemplo de como novos dados alteram nossa percepção pode ser encontrado na comparação entre filmes de monstros da década de 1950, como *Godzilla* e *No Mundo dos Monstros Pré-históricos* (em que dinossauros são representados por dublês em roupas de borracha com o rabo arrastando pelo chão) e a agilidade e ferocidade dos dinossauros de *Jurassic Park*. Novas descobertas em paleontologia revelaram que os dinossauros eram predadores velozes e não monstros pesados.

Até mesmo os relatos da Bíblia assumem um novo significado sob a luz da avançada tecnologia atual. Ezequiel, o profeta do Antigo Testamento, falou de sua experiência com a visão de Deus. Um estudo aprofundado do seu relato indica que Ezequiel era mais um jornalista preciso do que um visionário idealista.

“Então aconteceu no 13º ano, no quarto mês, no quinto dia do mês, enquanto eu permanecia entre os prisioneiros, próximo ao Rio Khabur, e os céus se abriram e eu tive visões de Deus”, ele escreveu. Se ele foi tão preciso em sua datação, o restante de seu livro deveria ser considerado um relato literal de suas experiências.

Ezequiel não simplesmente declara que um dia teve uma visão. Por exemplo, na Bíblia do Rei Jaime, Ezequiel fala de ter “visões de Deus” indicando que viu algo que apenas poderia descrever como uma visão de algo parecido com o divino, além de sua experiência. Essa ideia é reforçada em versos subsequentes, nos quais Ezequiel declara que as “visões de Deus” o transportaram para uma cidade em uma montanha muito alta (Ezequiel 40:2); que o “espírito” de Deus elevou-o acompanhado por um ruído de “grande afobação” (Ezequiel 3:12); e que a “Glória de Deus” surgiu no oriente com um som “como o rugido de águas impetuosas e que toda a paisagem iluminou-se” (Ezequiel 43:1-2). Parece claro o suficiente que Ezequiel tentava descrever um objeto material que ele avistou e ouviu e que, mais tarde, até o transportou para o ar.

Edições subsequentes da Bíblia alteraram o texto para “... Eu tive visões vindas de Deus”. “Visões vindas de Deus” implicam alucinação sagrada, uma pequena, porém crítica, mudança de “visões de Deus”, sugerindo um objeto tangível para o qual Ezequiel não encontra palavras para descrever.

A ideia de que Ezequiel possa ter encontrado algum tipo de Óvni intrigou o oficial da Nasa Josef F. Blumrich. Inicialmente, Blumrich tentou provar que a visão de Ezequiel não poderia ter sido uma aeronave. No entanto, após um estudo exaustivo, e levando em consideração que o Livro de Ezequiel era fragmentado e escrito por alguém que não era Ezequiel, muitos anos após os acontecimentos, Blumrich concluiu que não apenas a aeronave descrita por Ezequiel era “tecnicamente viável”, mas “muito bem projetada para cumprir suas funções e seu objetivo”. Ele disse que tal aeronave está dentro das capacidades tecnológicas atuais. “Além disso”, acrescentou Blumrich, “os resultados indicam uma espaçonave operada em conjunto com uma nave-mãe orbitando a Terra.”

Mas não são apenas antigas mitologias e lendas que fornecem a evidência de visitantes estrangeiros – Viracocha para os astecas, Quetzalcoatl para os maias, Ptah e Rá para os egípcios, os Anunnaki e Marduk para os babilônios –, mas também estranhos artefatos por todo o mundo que forneceram provas convincentes de que a humanidade nunca esteve sozinha neste planeta.

O Mecanismo de Anticítera, descoberto em um navio por mergulhadores gregos em 1900, foi considerado um tipo de computador astronômico complicado. A eletricidade, que se achava ter sido descoberta primeiro pelo anatomista italiano Luigi Galvani, por volta de 1786, foi gerada por um pequeno vaso de argila que continha um cilindro de cobre preso por asfalto, descoberto em Bagdá em 1936 e datado como pertencendo entre os anos 150 e 100 a.C. No centro desse vaso ficava uma haste de ferro saliente com a ponta em chumbo oxidado. Quando preenchida com um líquido alcalino, como suco de uva acabado de ser espremido, a chamada bateria de Bagdá produzia meio volt de eletricidade.

Outros objetos irregulares incluíam um crânio de cristal esculpido de maneira requintada encontrado na América do Sul, apresentando marcas de máquina; ornamentos antigos criados com platina fundida

no Peru, juntamente com um modelo de 2 mil anos de um caça com asas em delta; bolas de pedra perfeitamente redondas descobertas na Guatemala; cubos de pedra encontrados na Irlanda inscritos com caracteres chineses antigos; e tábuas cuneiformes da antiga Babilônia que descrevem de maneira precisa nossos planetas externos mais distantes, que não poderiam ter sido vistos sem a ajuda de telescópios modernos.

A lista continua. Individualmente, tais casos podem ser explicados como farsas ou má interpretação de dados. Muito mais difícil de se explicar é a existência de mapas antigos que descrevem um conhecimento preciso tanto da geografia quanto da astronomia pré-históricas. O professor Charles Hapgood, historiador da ciência, em seu livro minuciosamente pesquisado, *Maps of the Ancient Sea Kings: Evidence of Advanced Civilization in the Ice Age*, demonstrou que o mapa de Piri Reis – datado de 1513 – mostra o contorno preciso do continente Antártico que, na época, era livre de gelo, e que Hapgood estimava possuir mais de 11.600 anos. No entanto, o Antártico foi observado pela primeira vez em 1820, e apenas no século XX sua estrutura rochosa por baixo do gelo foi mapeada com a utilização de um sofisticado radar que penetrou no solo. O mapa antigo também mostra a exata linha costeira da América do Sul, que não deveria ser conhecida na época. Fica claro que algum grupo com tecnologia avançada estava ativo em nosso planeta há milênios. E não eram humanos primitivos.

Então, quem eram esses deuses antigos e de que forma eles eram semelhantes a nós?

É aqui que Chris Hardy definitivamente levanta uma ponta do véu. Seu trabalho destaca a natureza muito humana do grupo específico de astronautas alienígenas antigos, amplamente conhecidos como os Anunnaki, os Brilhantes, os nefilins – deuses do céu. Aqueles que afirmaram em suas tábuas que eles eram os “anunnaki” – ou seja, aqueles que vieram do Céu/Nibiru (Na) para a Terra (Ki).

Cada pesquisador no campo de extraterrestres antigos traz a sua pedra inestimável para o edifício, tornando o caso de povos antigos com tecnologia de ponta que visitaram a Terra cada vez mais forte. A originalidade de Chris Hardy, no entanto, reside em sua análise precisa de textos muito antigos, incluindo sumérios, bíblicos



e gnósticos – as tábuas sumérias remontam até 5.500 anos atrás, pré-datam a Bíblia em mais de dois milênios.

Quanto às características humanas dos anunnaki, as tábuas dizem que eles utilizaram seu próprio DNA e o misturaram com o de um bípede (certamente o *Homo erectus*) com o objetivo de “criar” um ser híbrido. Assim, eles tinham de ser uma espécie humana, mesmo se quase imortal ou gigante, ou mesmo oriundos de um planeta nômade, sendo assim alienígenas. Suas ações e suas emoções terrivelmente incontroláveis (como descrito nas tábuas com grande detalhe) de fato apresentam traços muito humanos – ambos positivos e negativos – e estão definitivamente em grande congruência com as características e perfil psicológico da divindade do Livro de Gênesis, cujo temperamento colérico e prontidão para “punir” suas “criaturas” é descrito sem ambiguidade neste texto.

O ponto crucial é que muitos acontecimentos idênticos e perfis psicológicos semelhantes dos atores/protagonistas são descritos tanto nas tábuas sumérias quanto no Livro de Gênesis para duvidar que ambos se referem ao nosso passado. Entre eles, a criação da humanidade “de acordo com a nossa imagem”, o jardim do Éden/Edin, o assassinato de Abel/Abael, os dez patriarcas/reis de Adão/Adapa a Noé, o Dilúvio e o resgate de Noé/Ziusudra, a torre/zigurate de Babel/Babili e, não menos importante, a destruição de Sodoma e Gomorra e quatro outras cidades das planícies do Sinai e da Jordânia. No que diz respeito a esses últimos acontecimentos, como Hardy mostra, os muitos detalhes das tábuas sumérias nos fornecem clara evidência do uso de armas nucleares.

Também de grande importância, as tábuas nos apresentam uma família de reais (vinda do planeta nômade Nibiru), um dos quais, Enlil, recebeu os títulos de Rei da Terra e do Céu e Chefe dos Deuses. Ele é o protagonista de todos os acontecimentos recontados no Gênesis, tais como a destruição da Torre de Babel e a eliminação de Sodoma e Gomorra. Chris Hardy atacou de frente o efeito psicológico da interpretação específica e compreensão do molde monoteísta sobre esses acontecimentos antigos.

Assim, as tábuas oferecem uma nova e impressionante perspectiva sobre esse nosso passado dramático, onde vemos o Chefe dos

Deuses não sistematicamente lançado em um papel de pai severo, porém justo, e sim de um governante despótico que pensava que os intercassamentos entre os homens anunnaki e as mulheres nascidas na Terra estragavam sua linhagem. Descobrimos que a Serpente era o título honorífico de seu irmão Enki, referindo ao seu grande conhecimento secreto, e foi Enki que salvou Noé/Ziusudra e, assim, a humanidade, do Dilúvio – enquanto Enlil planejara nossa total destruição e foi tão longe a ponto de intimidar a instituição decisória, a Assembleia dos Deuses, a seguir em frente.

As tábuas, de fato, revelam uma história antiga muito abrangente de alienígenas humanos que chegaram à Terra com quase imortalidade (comparados conosco). Eles impactaram grandemente nosso próprio passado quando decidiram, por voto, ser venerados como nossos deuses. A ausência, nos relatos sumérios, de julgamentos moralistas e da interpretação do “Pecado e Culpa” lançados nos homens e mulheres – como Chris Hardy argumenta frontalmente com estilo brilhante – nos proporciona um destaque extraordinário sobre as terríveis batalhas políticas e familiares, que foram totalmente ocultas nos textos monoteístas mais recentes. Embora seja difícil para muitos confrontar tais relatos que desafiam as convenções, é, no entanto, um grande alívio compreender nosso passado em uma estrutura tão sensata científica e politicamente. Chris Hardy conseguiu isso de forma notável.

Jim Marrs é um jornalista premiado e autor de cinco *best-sellers* do *The New York Times*, incluindo *Our Occulted History* e *Rule by Secrecy*. Ele ministrou cursos na Universidade do Texas, em Arlington; foi orador destacado em várias conferências americanas, incluindo o Congresso Anual Internacional de Óvnis (anual International UFO Congress); e apareceu em vários programas de rádio e televisão americanos.

---

### Lista de abreviações dos livros de Zecharia Sitchin

Citações no texto das obras de Zecharia Sitchin contêm o título abreviado e o número da página. As datas originais da publicação dos trabalhos de Sitchin são fornecidas abaixo. A informação total da publicação para as edições usadas para referências na página pode ser encontrada na bibliografia. Todos os livros listados abaixo estão disponíveis em capa dura pela Bear & Company (Rochester, Vermont).

(12º): *O 12º Planeta*, Livro I das Crônicas da Terra (1976)\*

(Caminho): *O Caminho para o Céu*, Livro II das Crônicas da Terra (1980)\*

(Guerras): *Guerras de Deuses e Homens*, Livro III das Crônicas da Terra (1985).\*

(Reinos): *Os Reinos Perdidos*, Livro IV das Crônicas da Terra (1990)

(Tempo): *Quando o Tempo Começou*, Livro V das Crônicas da Terra (1993)

(Código): *O Código Cósmico*, Livro VI das Crônicas da Terra (1998)

(Dias): *O Fim dos Tempos*, Livro VII das Crônicas da Terra (2007)\*

(Revisitado): *Gênesis Revisitado* (1990)

(Encontros): *Encontros Divinos* (1995)

(Livro Perdido): *Livro Perdido de Enki* (2002)\*

---

\* Obras publicadas em língua portuguesa pela Madras Editora.